

## QUE SEJA ETERNO ENQUANTO DURE: modos de ser da juventude contemporânea

---

Nadia Jane de Sousa <sup>1</sup>

*Recebido em: 29/07/2016 - Alterações recebidas em: 26/08/2016 - Aceito em: 27/08/2016*

**Resumo:** Busca-se nesse texto, a partir das contribuições de autores como Michel Maffesoli e Zygmunt Bauman, compreender os jovens a partir das suas vivências em torno da cultura e da estética, tendo como foco dois elementos, a saber: a necessidade de ver e ser visto e a busca em viver o instante, o tempo presente, configurando características da juventude e da sociedade atual.

**Palavras-chave:** Juventude. Estar junto. Ver, ser visto.

### ETERNITY AS LONG AS IT LAST: fore ways of being among contemporary youth

**Abstract:** This article seeks to understand the youth, their cultural and aesthetic experiences following Michel Maffesoli and Zygmunt Bauman theoretical concepts. It focus into two elements of youth as such: their need to see themselves and their need to be seen; and their search to live the instantaneous moment, the present time, drawing from self-perceived youth characteristics of today's societies.

**Keywords:** Youth. Be together. To see, to be seen.

### INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto de reflexões proporcionadas pelo estudo realizado com jovens envolvidos com a dança, especificamente a dança de rua, numa cidade do interior paraibano<sup>2</sup>. Nesse sentido, a partir das vivências experimentadas em tal grupo, buscou-se compreender os jovens, em seus processos interativos. Segundo Maffesoli (2007a), o comportamento juvenil reúne um “hedonismo encarnado”, uma “desenvoltura em relação a certos valores estabelecidos”, uma “busca de autenticidade”, indicadores que são do surgimento de um novo *ethos* social.

Apresento, pois, a juventude vinculada aos contextos sócio-históricos, produto das relações de força numa determinada sociedade e não se conforma com delimitações biológicas. Fatores como a revolução tecnológica e sua repercussão na organização produtiva e simbólica da sociedade, a oferta e o consumo cultural e o discurso jurídico, dão sentido e especificidade ao mundo juvenil, para além dos limites da idade.

Ao fazer referências ao jovem na atualidade, não é possível se centrar, portanto, em determinado enfoque analítico, seja ele biológico, social ou psicológico. Como diz Carrano (2003, p. 116), “ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira prioritária de definição cultural”.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunto da Universidade Federal da Paraíba, atuando na formação de pedagogos na área de Educação Infantil. <janenadia@gmail.com>

<sup>2</sup> Trata-se da tese “Globalização, Tecnologia e Mídias: elementos constituintes do estar-junto juvenil na contemporaneidade”

Isso implica em não considerá-la como detentora de uma essência, de características que lhes são próprias, sendo estas resultantes da história e que vão variando de acordo com as formações humanas. Essa forma de compreender a juventude também leva em conta a diversidade que a constitui havendo, portanto, várias delas em um mesmo tempo e espaços sociais.

Entretanto, em que pesem os diversos “modos de ser jovem”, há indícios de que, em sua extensa maioria, os jovens se aproximam em torno de protótipos. E qual a “marca” da(s) juventude(s) na atualidade? É o encontrar-se em torno da música, dos esportes, nos divertimentos coletivos, no âmbito de um estilo de vida, ou seja, através do mundo da cultura e da estética, que se tornam espaços de constituição de identidades. São espaços “líquidos”<sup>3</sup> onde os jovens criam e recriam suas identidades de acordo com o ambiente em que se encontram. É também uma intensa e radical necessidade de se viver o presente. A relação que a juventude “líquida” estabelece com o tempo é, portanto, característica da condição juvenil atual.

A partir de tais pressupostos, discuto nesse texto a necessidade de visibilidade e o desejo de experimentar em comum como formas de expressar um modo próprio de se comportar da juventude e da sociedade atual.

#### **VER...SER VISTO: FACES DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA**

Nas formas “espetaculares de aparecimento”, as imagens, a aparência, são pivôs da vida social, onde o culto ao corpo, a busca incessante do prazer e do gozo, a valorização exacerbada da moda, são, entre outras, expressões de sua teatralidade.

Os jovens, na exibição de seus corpos, seja através dos ornamentos que carregam, seja através das habilidades necessárias para o desempenho que o estilo exige, exprimem um modo próprio de fazer sociedade, de se relacionar com o/s outro/os. Neste sentido, a aparência se torna causa e efeito de uma intensa atividade comunicacional, de uma “socialidade dinâmica” (MAFFESOLI, 2005b), em que a acentuação da imagem, do corpo, conduz a um aparecimento-desaparecimento, ou seja, “sou visto”, “apareço”, “existio perante os outros”, em relação a eles; em contrapartida, “desapareço” no “corpo coletivo”, me “perco” nele.

Desse modo, a “aparência” revela menos uma individualidade e mais um coletivo do qual se faz parte. Para Maffesoli (2005b, p. 177), a aparência social seria, assim, “objetividade habitada por subjetividades em constante interação”. Trata-se da espetacularização da existência, não mais restrita a ambientes fechados como teatros, casas noturnas, bares, etc; ela está no cotidiano das pessoas, presente no “mundo físico e social”.

Apesar da concordância quanto a vivermos numa “sociedade do espetáculo”, Guy Debord (1997) lhe faz severas críticas. Segundo ele, o espetáculo se confunde com a realidade, ao transmiti-la e irradiá-la; o que existe na cultura e na natureza é transformado e “poluído” de acordo com os interesses da razão mercantil (o que rege a sociedade espetacularizada). Ainda de acordo com Debord, a incessante circulação da informação imobiliza o presente, pois esquece o passado e não acredita no futuro; anunciam então as “mesmas tolices”, esquecendo as notícias de “fato importantes”. Essas tolices, segundo o autor, é a própria condenação deste mundo, pronunciada contra ele próprio. Para o autor mencionado, a inércia existe em toda parte e ninguém mais ri dela; dá-se importância ao que é instantâneo, que sempre é substituído por algo também instantâneo, numa “eternidade da não importância”.

---

<sup>3</sup> Termo usado por Bauman (2001) para designar os novos contornos sociais que ora vivenciamos, ao qual ele denomina de “Modernidade líquida”.

Para Debord (1997, p. 189 e 191) vivemos a “experiência concreta da submissão permanente” razão da unânime adesão a tudo que está posto na sociedade, sem críticas a mesma. E ele, com sua “veia sarcástica”, assevera: “A conversação já está quase extinta e em breve também estarão mortos muitos dos que sabiam falar”. Então, os indivíduos que vivenciam este mundo espetacularizado e empobrecido, se tornam sujeitos a serviço da ordem estabelecida, embora não intentem isso; eles “obedecer[ão] à linguagem do espetáculo, a única que conhece[m], aquela que ensinaram a falar”.

Para Maffesoli (1995, p. 82), entretanto, não importa que essa comunicação seja vazia de sentido. A televisão, por exemplo, diz ele, ecoa o que vem das massas; ela é espelho dos diversos narcisismos presentes na sociedade e não transmite um sentido pré-estabelecido; este é compartilhado, visto que há um “contexto interlocutivo comum”. Não há, portanto, para esse autor, a ausência de conteúdos significativos e, em consequência, uma ausência de comunicação (tendo em vista que os indivíduos são passivos no processo de recepção); há, de fato, uma comunicação cujo objetivo é tocar o outro, seja direta ou indiretamente.

Referida comunicação é, para Maffesoli (2006, p. 33), a valorização do vivenciado, do próximo, do concreto. Apesar da imagem comercial que veicula, os objetos surgem como vetores de estética (fazem experimentar emoções, a de vibrar em comum); cria-se uma nova ordem simbólica; porém, nela somos mais dominados que dominantes (pelo outro, pelo grupo, pelos “objetos” que acreditamos possuir), mais sujeitados que sujeitos, menos criador de imagens que forjado por elas. Neste paradoxo em que se insere a realidade social, não há “sujeitos autônomos”; há indivíduos interdependentes e é a partir de um vasto sistema simbólico, em que partilhamos imagens, objetos, aparências, que nos “desapossamos de si ao ser possuído pelo outro”. Portanto, o sujeito empírico para Maffesoli é individualizado mas está também situado num lugar, com outros, em relação a outros.

É nessa perspectiva, apontada por Maffesoli, que situo os jovens, especialmente os que participam de grupos ligados entre si pelo caráter estético (no caso dos jovens da pesquisa anunciada, a dança de rua). Tais grupos (de música, dança, teatro, skate, etc.), compartilham estilos, possuem modos próprios de se adornarem, procuram visibilidade, buscam estar em relação com outros, fazer parte do “espetáculo”. Nesse sentido, são também um objeto midiático, fruto, portanto, das mudanças de todo tipo que engendram (mas que igualmente influenciam) a sociedade espetacularizada da qual participamos e contribuimos para sua dominância.

Tais jovens indicam a “graça” de estarem juntos; a ligação do corpo individual ao social é o objetivo maior a ser alcançado; parece que vale muito estar relacionado ao outros, para eles, com eles, cada um existindo “no e através do olhar do outro” (MAFFESOLI, 2004, p. 82). Para tanto, a festa, o encontro, os eventos, as viagens, são indispensáveis enquanto espaços de celebração onde o lúdico prevalece. Tais espaços são forjados por eles próprios e para eles mesmos, aos quais vão em busca de aprimorar os “rituais” já aprendidos e de onde se vê os já “iniciados”. Segundo Maffesoli,

Trata-se de lugares em que é possível o indivíduo se reconhecer enquanto se identifica com os outros, lugares em que, sem nos preocuparmos com o controle do futuro, administramos nosso presente, lugares, enfim, onde se elabora a forma de liberdade intersticial que está em contato direto com o que é próximo e concreto. Tudo isso faz do espaço vivenciado não o refúgio de um individualismo amedrontado e imóvel, mas a base a partir da qual se efetuam as incursões, as “investidas” que, pouco a pouco, vão constituindo a órbita de uma nova socialidade (*op.cit.* p. 66).

Nesses espaços de socialidade onde sentem e experimentam em comum, os jovens se apresentam como artistas, criadores, sujeitos, ou seja, se afirmam como “alguém” numa sociedade que os transforma em anônimos. São, portanto, reconhecidos no meio em que vivem.

Tais questões remetem, em primeiro plano, à importância do reconhecimento, à necessidade e à busca do mesmo numa sociedade desigual que obnubila desejos dos que pertencem a estratos mais baixos da população.

Para Honneth (2007), a busca por reconhecimento se inicia a partir da experiência do desrespeito, tornando-se este uma fonte emotiva e cognitiva para resistir socialmente e politicamente, às injustiças sociais.

Nesse sentido, aponta três formas de reconhecimento: a primeira é o amor, que leva o indivíduo a desenvolver “autoconfiança corporal” (o desrespeito corresponderia aos maus tratos físicos) – o indivíduo se sente satisfeito ou reconhecido quando é aceito e encorajado afetivamente obtendo, então, confiança em si próprio. Trata-se de um reconhecimento presente nas relações sociais primárias (família, amigos, relações amorosas).

O segundo tipo de reconhecimento advém da negação dos direitos morais e legais, geradores, portanto, de exclusão social. A esse tipo de desrespeito estaria associada a consideração dos indivíduos enquanto portadores de direitos iguais. Ao adquirir autorespeito (consequência desse reconhecimento), os sujeitos compartilham os direitos e deveres disponíveis universalmente a todos de sua comunidade.

O terceiro tipo de desrespeito trata da desconsideração pelas formas de vida ou habilidades adquiridas pelos sujeitos ao longo de suas vidas e se refere à questão da estima social; o seu contraponto, ou seja, a atitude positiva frente às opções ou estilo de vida adotados pelos indivíduos, diz respeito à autoestima, onde se encontraria a aceitação da individualidade, formada pelas experiências de vida adotadas.

Segundo Honneth (2007, p. 01), a busca por reconhecimento está atrelada à luta por autorrealização, que não depende exclusivamente dos sujeitos individualmente; ela só pode ser alcançada com a ajuda dos parceiros em interação. Esta forma de compreender a sociedade anuncia uma “mudança de perspectiva na [sua] ordem moral”; o objetivo, portanto, não mais seria a igualdade econômica, mas o “reconhecimento da dignidade pessoal de todos os indivíduos”.

Honneth (em que pese o caráter polêmico das assertivas mencionadas<sup>4</sup>) aponta a emergência de uma nova “sensibilidade moral” e chama a atenção para o significado da experiência do desrespeito social e/ou cultural e postula que o reconhecimento da dignidade dos indivíduos e seus grupos representam uma parte importante de seu conceito de justiça.

Considerando essa teoria, pode-se compreender que a necessidade de reconhecimento que os jovens almejam, está associada à busca por estima social, não querendo dizer, com isto, que os outros padrões de reconhecimento estejam negligenciados. Eles apenas proclamam o “prazer”, a ludicidade como formas adequadas para alcançarem respeito e consideração pelos seus pares e pelos demais membros da comunidade de que fazem parte. Para tanto, oferecem seus corpos em espetáculo, servindo como meio de reconhecimento (MAFFESOLI, 2007a).

---

<sup>4</sup> Para ampliar o debate, sugiro também a leitura de Bauman (2003), em que o autor afirma que o reconhecimento deve ser colocado no quadro da justiça social e não no contexto da autorrealização. Para ele, redistribuição feita em nome da igualdade leva à integração, enquanto a busca por reconhecimento em termos de distinção cultural, promove divisão. Deste modo, as demandas por reconhecimento impedem a distribuição equitativa das oportunidades

Nos movimentos que realizam continuamente em direção à estima social, à valorização pelo que são e pelo que fazem, está em jogo a importância dada ao presente, ao vivido, às coisas como elas são. A realidade para eles nem é boa nem é ruim, ou melhor dizendo, às vezes é boa e às vezes é ruim, sem caráter de generalização ou um “para sempre” em relação aos acontecimentos de suas vidas.

Pelo exposto, as dificuldades que passam (seja em nível social, econômico e político) não impedem que busquem viver melhor o cotidiano; elas se tornam impulsos para viver aquilo que se pode viver e isso se dá na vivência do que está próximo, ao alcance das mãos. É no espaço doméstico que se resiste às imposições externas. É uma alternativa ao político.

O essencial da existência acha-se constituído pelo e no **parecer**, que precisamos reconhecer como sendo nada menos que unificado, puro e coerente. (...) É justamente isto que nos deve conduzir à teatralidade social toda a eficácia que lhe cabe (MAFFESOLI, 2007a, p. 125 – destaque do autor).

Nesta lógica há um “desligamento” dos imperativos político-econômicos e a vida se desenrola nas pequenas relações do cotidiano, as utopias não se referem às grandes questões mas às pequenas coisas do dia a dia (o próximo festival, a nova coreografia, os patrocínios, o público, espaço para ensaiar/treinar/encontrar, etc), contendo nelas um *ethos* comum que se baseia especialmente na proximidade. No recuo ao político, um dinamismo renovado da sociedade (MAFFESOLI, 1998a) com “outra cara”, ocorrendo de modo subterrâneo, fora dos modelos instituídos e estabelecidos pela modernidade. Seguindo os caminhos dessa socialidade cambiante e heterogênea, o instante se torna único e eterno.

### A LÓGICA DO VIVER MAIS...

Na sociedade atual, as imagens, a aparência, o espetáculo, são elementos que promovem proximidade, ligação, comunhão com o/s outro/os. Pela necessidade de pertencer, os jovens criam laços que, embora frágeis e movediços, os fazem experimentar e vibrar em comum. Nas fusões que realizam não criam uma identidade única e imutável; esta é cambiante e possui várias máscaras, de acordo com o ambiente e as circunstâncias das quais participam. O interesse por se agregar, portanto, não se explica apenas pelo viés economicista; há outras dimensões que estão presentes nessa nova dinâmica societal com forte interferência do aspecto emocional, lúdico, festivo, como demonstra a “fala” a seguir:

então, hoje o jovem ele busca se agrupar onde ele se sente bem, onde ele se sente bem...e a dança traz esse prazer; você reúne com o grupo, você discute, você briga, você vai prá casa diz que vai abandonar, depois volta, então tem essa coisa muito de interação, sabe, e essa coisa muito de união, a união mesmo é que os prende a essa coisa (J. 29 anos).

Ao partilhar emoções e sensações, as vivências dos jovens em torno da fruição e do prazer, revelam também e paradoxalmente, a aparente “artificialidade” da existência caracterizada pela efemeridade, pela “permanência do insignificante” (MAFFESOLI, 2005b, p.

48), pela finitude e tragicidade. Como espaços de troca e de circulação de afetos e paixões (pelo público, pelos amigos, a si mesmo) pode assim ser caracterizado?

Para Maffesoli (2003) todas as obras humanas possuem o selo da impermanência, sejam elas sociais, econômicas, culturais e até mesmo afetivas. Neste sentido, a precariedade e a brevidade da vida se expressam pela intensidade com que tudo é consumido. Na verdade, diz ele, não há simples consumo, há uma grande e voraz consumação marcada pelo desejo de se querer as coisas e de forma imediata. Nesta busca intensa pelo prazer está, pois, a consciência da tragicidade da vida humana traduzidas, entre outras práticas, pelo culto ao corpo, a valorização do presente, a busca do supérfluo, etc.; nessa cultura do prazer, em que as situações são vividas com avidez (já que se esgotam no ato mesmo de existir), não há projeções para um futuro, já que este não é algo que se possa prever e dominar à nossa própria vontade.

Nessas circunstâncias vive-se como a realidade se mostra e não como deveria ser, fruto de desejos e projetos, às vezes impraticados e/ou impraticáveis. No cuidado com o presente há implícito (e exteriorizado nas práticas juvenis) um modo de viver o que se apresenta e o que acontece revelando, portanto, no dizer de Maffesoli (2003), um querer viver marcado por uma “sucessão de agoras”, uma “concatenação de instantes vividos”.

Desse modo, o presente vivido, o cotidiano dos grupos e dos indivíduos em particular, permitem o “conhecimento de si e o reconhecimento do outro” (MAFFESOLI, 2003, p.58). E anuncia um paradoxo: viver no presente é viver a intensidade do trágico, posto que se experimenta o fim a todo momento. Como diz o autor indicado, “viver no presente é viver sua morte de todos os dias”.

Desse modo, os jovens, estão incrustados em uma outra lógica, não mais unicamente dominados pela casualidade, linearidade da vida social, caracterizada pela suspensão, abstenção e negação de si mesmo e do outro. Não vivem, portanto, sob a ordem da passividade; “gastam” energia de outros modos, em situações que vão além da perspectiva utilitária das ações. Sendo assim, são “movidos” pela busca do prazer vivido no cotidiano, na vida do bairro, nas amizades que cultivam, nas relações amorosas, nas inúmeras festas das quais participam, nos “transes” coletivos oferecidos pelos mais variados espaços de “celebração” de que participam (MAFFESOLI, 2003).

Em contraponto com tais idéias, Bauman (2007) não parece ter uma visão muito otimista da sociedade atual, caracterizada por ele como “líquido-moderna”, na qual a forma de vida que predomina é uma “vida líquida”, marcada pela precariedade e incerteza constantes. Trata-se também de uma vida de consumo, em que se vive no presente e pelo presente; a busca para obter satisfação se torna uma constante, não havendo espaço para inquietações, senão aquilo que pode ser vivenciado e consumido de modo instantâneo.

Para Bauman, não está em questão apenas a busca por sensações; nos modos de vida atuais, valores, visões de mundo, concepções acerca dos caminhos que se deve percorrer e as formas de fazê-lo, demonstram uma sociedade em que os indivíduos estão insatisfeitos consigo mesmos.

Então, viver numa sociedade de valores cambiantes, despreocupada com o futuro e hedonista, não é um “privilegio” de todos. Praticar a “vida líquida” com suas inovações, instabilidades, incertezas e hibridismos, são para aqueles (as) que estão no “topo da pirâmide do poder global” (BAUMAN, 2007, p. 10). São eles e elas que se movimentam com rapidez, possuem uma rede de possibilidades a seu dispor, convivem com a indeterminação, a falta de direção, etc. Cabe aos demais se adaptarem às novas “regras do jogo”, já que participar do mesmo não se trata de uma escolha própria – não há como ficar de fora.

Embora as oportunidades se diferenciem e sejam desiguais a princípio, Bauman (2001) anuncia que vivemos numa sociedade marcada pela precariedade, insegurança e incerteza. Tais fatores promovem a necessidade da satisfação imediata enquanto estratégia de sobrevivência. Adiar o prazer não é um bom “negócio”, já que não se sabe o que virá no dia seguinte. Serão dadas as condições para o usufruto dessa satisfação adiada? Terá o mesmo “sabor”? Será tão atraente? Não se tornará obsoleta, fora de moda ou de propósito? Diante de condições precárias de vida, aprendemos a descartar facilmente as coisas; já não temos paciência para consertar o que está danificado (inclusive as relações entre as pessoas): somos rápidos e trocamos as “peças” que já não nos servem mais.

Daí, se não há futuro, a palavra de ordem do momento é viver o “agora”, aproveitar as oportunidades que surgem, perdê-las é algo imperdoável. Por isso, diz Bauman (2007), os compromissos devem ser leves e fluidos para não se perder muito tempo e se tornam coisas a serem consumidas até o momento em que está gerando satisfação. A existência social para esse autor se transforma, portanto, em produtos para serem digeridos de imediato, o que pode gerar intolerância às pessoas e/ou coisas que não se tornam mais relevantes para a satisfação do desejo em voga.

Contudo, para os jovens sujeitos da pesquisa citada, viver o presente a partir da ludicidade que a dança possibilita, não indica negação de projetos futuros. Ao contrário disso, o trabalho e a profissão que desejam abraçar são da ordem do que é “sério” e prioritário, pois que tratam da busca do estável e do palpável.

Por outro lado, reconhecem a dança de rua como espaço educativo e de inclusão social, sendo, portanto, um movimento cultural de cunho político.

Assim, embora de forma não organizada nos moldes requeridos pela sociedade civil (ou seja, através de sindicatos, partidos políticos, agremiações, etc.), a dança de rua propiciava uma reflexão sobre a própria realidade, o jogo de forças nela presente, representava esses jovens, veladamente ou não, submetidos em seus cotidianos, a privações e negações.

## IN- CONCLUSÕES

As incertezas e insegurança quanto ao futuro, marcas da sociedade atual, afetam sobremaneira os jovens, especialmente os que vivem em estratos inferiores da sociedade. O agrupamento, possivelmente, uma maneira encontrada para driblar as indeterminações que experimentam em seus cotidianos.

Assim, são a ambivalência, a contradição, a incerteza e a insegurança, modos convergentes que os autores aludidos (Bauman e Maffesoli), vêem a realidade atual. Divergem, contudo, nas conclusões que dela extraem, ou seja, onde o primeiro vê enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, o segundo aponta novas possibilidades de socialidade, um novo jeito de estar-junto.

Tais autores trazem contribuições valiosas, embora divergentes nos pressupostos que embasam suas proposições. Suas análises revelam que na busca em viver mais, no querer viver que rege a sociedade atual, estão postos elementos presentes no modo de vida dos jovens contemporâneos. Nessas distintas formas de pensar a vida, eles (os jovens) não se encontram nem de um lado nem de outro, mas de um lado e do outro também, ou seja, vivenciando as contradições apresentadas sem, contudo, apontar o certo ou o errado dessas lucubrações.

Esse é o “caldo cultural e social”, no qual todos nós nos encontramos inseridos, sentido mais de perto pelos jovens, enquanto segmento social que vivencia esse “fervilhar existencial”. Nele, a aparência, as imagens, os objetos, permitem o compartilhar de emoções que se tornam vetores de socialidade.

Faz-se necessário, portanto, ver que os jovens, nos diferentes modos de estarem juntos, partilham vivências, valores, sentidos e identidades, refletindo a sociedade em que vivem com suas contradições, ambivalências, incertezas e inseguranças, mas também marcadas (as vivências) pelo desejo de agir sobre o meio em que se vive, interpretando-o a partir das escolhas que fazem, das experimentações, do lazer, da fruição.

Nesse sentido, compreendo que as temáticas que povoam o universo escolar, não trazidas nesse texto, principalmente no trato com a juventude, não devem prescindir das reflexões que ultrapassam os portões das escolas.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HONNETH, Axel. Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectivas na ordem moral da sociedade. In.: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (orgs.). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades. Apresentação de Luiz Felipe Baeta Neves; trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998a.

\_\_\_\_\_. **O instante eterno**. Tradução: Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Atlântica, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mistério da Conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. O retorno das emoções sociais. In.: **Metamorfoses da Cultura Contemporânea**. SHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). Porto Alegre: Editora Sulmia, 2006.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum** – introdução à sociologia compreensiva. Trad. Aluízio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2007a.